

ECOS DE MEMÓRIA E IDENTIDADE: AS REPRESENTAÇÕES DO BARRO EM PONCIÁ VICÊNCIO, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Flávia Paulo de Brito¹

Resumo: Esse artigo se propõe a analisar o romance *Ponciá Vicêncio* da escritora Conceição Evaristo, que remonta ao período de exclusão vivido pela comunidade negra e que fere até hoje aos princípios de igualitarização dos costumes culturais da nossa sociedade. A referida obra aborda questões preponderantes relacionados à construção da identidade, pela memória através da simbologia do barro. Esse trabalho, também, pretende discutir conceitos que debatam sobre a construção da identidade negra, no rompimento discriminatório social. Para tanto, faremos uso de alguns estudiosos que fomentam a temática, como: Le goff (1990), Trinca (2007), entre outros.

Palavras- Chave: Memória. Barro. Identidade. *Ponciá Vicêncio*.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo analisar como o barro pode ser representado na obra *Ponciá Vicêncio* de Conceição Evaristo, como símbolo de resistência e memória na construção da identidade através dos entraves enfrentados pela personagem.

Escolheu-se analisar o barro com o intuito de averiguar como o mesmo torna-se símbolo de resistência da identidade ancestral que perpassa a obra *Ponciá Vicêncio* pelos becos da memória, através de uma arte que mobiliza o campo social e político, já que, permite um olhar crítico sobre a vida a partir da materialização do barro.

Diante disso, percebe-se a necessidade de estudar a obra *Ponciá Vicêncio* na tentativa de compreender como o barro pode simbolizar o cotidiano e suas marcas de sofrimento e luta, enquanto veículo cultural dentro do cenário em que este acontece, por meio da memória e identidade.

Nesse contexto, acredita-se ser de relevante importância tal pesquisa no âmbito cultural e sócio-político a discussão sobre o barro como produção artística de pertencimento a um lugar, como objeto de concretização de um dado momento, bem

¹ Especialista em Estudos Linguísticos e Literários, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB – DCHT XXIV – Xique-Xique - BA.
E-mail: britto.flavia@hotmail.com



como o conceito de identidade que tem sido elemento de discussão na apreensão de compreender o sujeito contemporâneo dentro das mudanças sócio-culturais.

Para a construção desse artigo, utilizou-se o método hipotético-dedutivo. O trabalho é de cunho bibliográfico, estudou-se o tema proposto através dos seguintes teóricos: Le Goff (1990), Halbwachs (1990), dentre outros autores que discutem a temática.

2 MEMÓRIA E IDENTIDADE

Todo e qualquer indivíduo possui uma série de relações com algum lugar, objeto ou pessoa, que estabelece a partir do contato e da relevância que se dá em detrimento a relação vivenciada. Findado o momento, ficam guardadas as lembranças que se intercalam entre conexões, e evocam sentidos inteligíveis a pessoa ou grupo.

Essa estrutura de conexões se mantém dentro da memória, é a via de acesso no sentido do passado para o presente ou vice-versa. Por esse traço há uma continuidade presente da vida em que o passado pode ser retomado para se relacionar com o presente, ambos se fundem na busca da integração de sentido.

Le Goff, em seu livro *História e memória*, trás a concepção de memória de Leroi-Gourhan que distingue a memória em três tipos: memória específica memória étnica e memória artificial.

[...] "Memória é entendida, nesta obra, em sentido muito lato. Não é uma propriedade da inteligência, mas a base, seja ela qual for, sobre a qual se inscrevem as concatenações de atos. Podemos a este título falar de uma "memória específica" para definir a fixação dos comportamentos de espécies animais, de uma memória "étnica" que assegura a reprodução dos comportamentos nas sociedades humanas e, no mesmo sentido, de uma memória "artificial", eletrônica em sua forma mais [Pg. 426] recente, que assegura, sem recurso ao instinto ou à reflexão, a reprodução de atos mecânicos encadeados" (1990, p. 269).² GRIFO DO AUTOR

Nesse sentido, lato ou científico a memória é entendida de acordo com a função social que estabelece ao seu redor. Assim sendo, as discussões nesse trabalho serão abordadas de acordo com a memória "étnica", já que essa se insere no contexto de reprodução de condutas da coletividade.

² Citado no livro---Le Goff, Jacques, 1924 História e memória / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão ... [et al.] - Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios)

A memória, vista a partir da coletividade é essencial para a afirmação e preservação social das características de um grupo, ao abordar problemas e conceitos vistos no tempo e na história. Rememorar é parte de um processo crítico da historicidade que constituiu as escolhas e atitudes durante o passado.

São as lembranças que permeiam o homem e o faz sentir parte de dada comunidade. Ao observar costumes e ideais que integram a sua percepção sobre o mundo em sua volta. Halbwachs, em seu livro *Memória Coletiva*, no primeiro capítulo intitulado *Memória coletiva e memória individual*, trata o indivíduo como testemunha do que viu apoiando ou não nas opiniões apresentadas pelas impressões do outro.

Muito mais, eles me ajudam a lembrá-las: para melhor recordar, eu me volto para ele, adoto momentaneamente seu ponto de vista, entro em seu grupo, do qual continuo a fazer parte, pois sofro ainda seu impulso e encontro em mim muito das idéias e modos de pensar a que não teria chegado sozinho, e através dos quais permaneço em contato com ele. (1990, p.27).

Esses conjuntos de impressões, a que o sujeito está refém, apoiaram-se nas lembranças do convívio e relações que marcam a construção da identidade. A identidade, por sua vez, se constitui na sua flexibilidade, através de processos inconscientes em constante formação na significação e reprodução do meio cultural que se defrontam. Assim, à medida que mantemos contatos com diversas culturas, podemos apresentar aversão ou simpatia a uma multiplicidade de características que compõem diferentes identidades, que poderíamos ou não nos identificar.

A memória é colocada a discernimento da identidade, onde se emprega na busca dessa última, ou seja, as recordações são o vínculo da consciência com o passado. Elas garantem uma conexão com o tempo, tendo a capacidade de ir e vir a acontecimentos mais distantes da infância a fase adulta.

Um conjunto de episódios vividos junto a um grupo cria um sentimento comum, que reflete na estrutura da conduta e características sociais dessa coletividade, formando assim, semelhanças peculiares a esse.

Nessa perspectiva, seguindo o viés histórico, alguns grupos de determinada etnia eram colocados à margem da sociedade devido a características que lhe eram peculiares. Entre eles, encontra-se a comunidade africana que foi considerada pela maioria da população, como inferior e diabólica, não abdicando do mesmo tratamento de respeito dada aos demais grupos.

As religiões de matriz africana, na historiografia nacional, sempre foram consideradas inferiores às de fundamentos cristãos. Isso ocorreu no contexto

escravocrata onde o negro era proibido e punido por seus senhores se cultuassem suas religiões.

No candomblé, a violência contra seus praticantes caracterizou o diálogo da sociedade com este saber ancestral dos africanos no Brasil. [...] os agentes culturais foram os mais prejudicados.” (OLIVEIRA, 2009, p. 21).

Diversos foram os movimentos sociais que surgiram na promoção à sobrevivência cultural africana. Em meio a um emaranhado de políticas escravocratas discriminatórias, a cultura africana foi se disseminando e aos pouco foi sendo difundida aos ritos da cultura européia, que no período era perpetuada no Brasil, através das danças, músicas e cultos às divindades, elas se misturaram e formaram uma simbiose cultural.

A comunidade afro-brasileira passou e ainda passa por repressões culturais, políticas e sociais, que contribuem na discriminação do sujeito negro. No entanto, há manifestações que surgem em meio a questionamentos, sobre o respeito aos direitos e a liberdade do homem negro como individuo social. Assim surge na comunidade acadêmica, estudiosos que se voltam a questionar e discutir o papel do negro, em especial da mulher negra.

No cânone literário nota-se uma ausência de escritores negros em relação à quantidade de escritores brancos, bem como, a construção de personagens negros compostos por estereótipos que renovam a concepção de servil e inferior aos demais. Haja vista que, a formação do cânone literário surge do apanhado de posições político-ideológicas que partiu das relações de poder da sociedade.

Nas últimas décadas surgiram movimentos no campo social, cultural e intelectual que comandam uma série de intercessões para o reconhecimento daqueles que foram tratados na história no espaço da invisibilidade, ficando a margem social.

Nesse cenário, encontra-se a escritora Conceição Evaristo³, consciente do seu papel de retratar pelo viés literário a luta de seu povo por equiparação de direitos. Ela se destaca por seus estudos em prol da escrita feminina negra, assunto polêmico que dá margem ao surgimento de vários opositores ao tema. Sobre seu papel enquanto escritora, afirma:

³ Conceição Evaristo nasceu em 1946, em uma favela na cidade de Belo Horizonte. Filha de uma lavadeira que, foi exposta desde pequena às crueldades do racismo, Conceição tornou-se uma escritora negra de projeção internacional, além de uma militante que atua dentro e fora dos marcos da academia: é mestre em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e conclui atualmente seu doutorado em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense.

Gosto de escrever, na maioria das vezes dói, mas depois do texto escrito é possível apaziguar um pouco a dor, eu digo um pouco... Escrever pode ser uma espécie de vingança, às vezes fico pensando um pouco sobre isso. Não sei se vingança, talvez desafio, um modo de ferir um silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosa esperança. Gosto de dizer ainda que a escrita é para mim o movimento de dança-canto que o meu corpo executa, é a senha pela qual eu acesso o mundo. (EVARISTO, 2005, p. 202)⁴

A obra de Evaristo é marcada pela afirmação da cultura afro-brasileira, dando voz e espaço a comunidade negra, em especial ao gênero feminino, que recebe a dupla carga de inferioridade por serem negras e mulheres.

A mulher sempre foi para o homem ‘o outro’, seu contrário e complemento. Se uma parte do nosso ser deseja fundir-se nela, outra, não menos imperiosamente, a separa e exclui. A mulher é um objeto, alternadamente precioso e nocivo, mas sempre diferente. Ao transformá-la em objeto, em ser aparte e ao submetê-la a todas as deformações que seu interesse, sua vaidade, sua angústia e até mesmo seu amor lhe ditam, o homem transforma-a em instrumento. Meio para obter o conhecimento e o prazer, via para atingir a sobrevivência, a mulher é ídolo, deusa, mãe, feiticeira ou musa, conforme aponta Simone de Beauvoir, mas nunca pode ser ela mesma. (PAZ, 1992, p. 177-178).⁵

Em seu primeiro livro intitulado *Ponciá Vicêncio*, publicado em 2003, a autora traz um apanhado de paradigmas sociais que constituem nossa história, sobre o tratamento que é dado ao sujeito de acordo com a classe e grupo social a que pertence. Aborda questões étnico-racial e de identidade feminina, em uma série de discussões a respeito da formação do sujeito a partir da memória, ou seja, são as lembranças que vão configurar a identidade. O foco maior da discussão é marcado pelo processo de fragmentação do sujeito, essa por sua vez é acrescida por relações de imposição e domínio. Nesse espaço, o ato de reconhecer-se é rememorar episódios que se defrontam com um emaranhado de questionamentos sobre sua existência e seu papel no enredo social dominado pelo sistema racista.

3 AS RELAÇÕES DO BARRO NA PERSONAGEM PONCIÁ VICÊNCIO

O romance *Ponciá Vicêncio* não se divide em capítulos, mas em fragmentos os quais configuram uma construção não linear dos fatos marcada por flashback que

⁴ Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza M. de Barros & SCHNEIDER, Liane. *Mulheres no mundo – etnia, marginalidade, diáspora*. João Pessoa: Idéia/ Editora Universitária – UFPB, 2005. p. 201 – 212.

⁵ PAZ, Octavio. *O labirinto da solidão e post scriptum*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

rememoram ao passado. É narrada em primeira pessoa pela personagem protagonista, em que relata episódios do cotidiano de suas vivências, desde criança à fase adulta.

Ponciá Vicêncio é uma mulher negra, marcada por percas materiais, familiares e de identidade. Descendente de escravos viveu a infância e período da juventude com seus pais e um irmão mais velho na Vila Vicêncio, que pertencerá ao Coronel Vicêncio, cujo sobrenome indica que fora o dono das terras, bem como sobre a pequena população de ex-escravos que ali moravam. Ponciá Vicêncio, seu avô paterno Vô Vicêncio, sua mãe Maria Vicêncio e seu irmão Luandi José Vicêncio, todos carregavam o sobrenome Vicêncio que remete a forma de controle do período escravocrata sobre os ex-escravos a propriedade de pertencer a um dono.

A relação da família de Ponciá e os demais que vivem na comunidade do Coronel Vicêncio, proprietário das terras, se respalda em uma falsa harmonia de troca de favores. Nesse espaço, sua mão-de-obra era utilizada sem qualquer tipo de pagamento ou recompensa, sobre a barganha de pequenos pedaços de terras cedida aos ex-escravos como forma de ludibriá-los no trabalho servil aos atuais senhores das terras. Dessa maneira, “[...] os homens gastavam a vida trabalhando nas terras dos senhores, e depois a maior parte das colheitas ser entregue aos coronéis.” (p.32).

Ponciá é uma mulher marcada pela submissão e ausência da identidade, em uma busca constante de compreender sua existência. A lacuna que se encontra na identidade da personagem, respalda-se nas lembranças narradas pelo seu povo em um processo desumano de submissão. Ocasionado a perda da autonomia dos seus antepassados que foram impelidos, conforme o desejo da classe dominante, para o retalhamento do corpo e da alma ao não reconhecimento de princípios como cidadãos.

A autora constrói a personagem Ponciá entrelaçada em uma forte relação com a história de seus antepassados através da memória. Ponciá andara pela primeira vez como o avô, “Andava com um dos braços escondidos as costas e tinha a mãozinha fechada como se fosse cotó.” (p.13), mas como poderia uma criança ter projetado em si as características do seu ancestral sendo tão pequena, ainda de colo quando morreu. Vô Vicêncio, homem conhecido pela resistência às intempéries enfrentadas pelos negros, em um momento de desespero tentou matar sua esposa e seu filho:

“Armando com a mesma foice que lançara contra a mulher, começou a se autoflagelar decepando a mão. Acudido, é impedido de continuar o intento. Estava louco, chorando e rindo. [...] Viveu ainda muitos e muitos anos. Assistiu, chorando e rindo, aos sofrimentos, aos tormentos de todos. E só quando acabou de rir todos os seus loucos risos e de chorar todos os seus insanos prantos, foi que Vô Vicêncio se quedou calmo. (p. 50-51).

Mesmo morto ele aparecia nas vivências de sua neta, mostrando-se presente nos laços familiares, a fim de que sua resistência fosse lembrada. A memória, dessa forma, mostra-se como uma pele fina a revestir a trajetória de Ponciá. Ainda menina, aprende a arte de modelar o barro, atividade já praticada por alguns dos seus parentes, no intuito de comercializar seus objetos no auxílio à renda da família. Para surpresa de todos, Ponciá em seus primeiros trabalhos, personifica a imagem do avô no barro, o velhinho de braço cotó que era admirado por todos pela sua coragem:

O pai de Ponciá Vicêncio olhou o homem de barro que a menina havia feito e reconheceu nele o próprio pai. Pegou o trabalho e examinou bem. Os olhos, a boca, as costas encurvadinhas, a magreza, o bracinho cotoco, tudo era igual, igualzinho. A boca ensaiava sorrisos, mas no rosto a expressão era de dor. Teve a impressão que o homem-barro fosse rir e chorar como era feito de seu pai. Chamou a menina, entregando o que era dela. (EVARISTO, 2003, p. 23).

A imagem do avô fazia-se presente na maior parte das esculturas da menina, seja pela representação completa de suas características ou por pequenos traços que faziam lembrar por alguns instantes daquele velhinho que ria e chorava ao mesmo tempo.

A esse respeito, Goody observa que "Em todas as sociedades, os indivíduos detêm uma grande quantidade de informações no seu patrimônio genético, na sua memória a longo prazo e, temporariamente, na memória ativa" [1977a, p. 35].⁶ Assim, a memória se manifesta em sentido inconsciente pelas observações sobre a percepção do mundo a nossa volta. O indivíduo se apropria das percepções que lhe foram lançadas adaptando as nossas percepções atuais.

De maneira inconsciente, Ponciá comunga dos mesmos anseios do seu avô, libertar-se de um presente que remete a dor e sofrimento causados pelo período escravagista, em que as cicatrizes do passado são transmitidas de geração em geração.

O período escravista foi claramente marcado pela opressão, castração e desapropriação do corpo do povo negro, bem como pela luta desse povo em prol da liberdade. Resultante desse processo têm-se as diversas formas de resistência do povo negro, principalmente da mulher negra, invisibilizada pela historiografia oficial. Nas guerrilhas, nos quilombos, nas senzalas, nas cozinhas, nas rodas de danças e capoeira, no culto aos orixás essas mulheres tramavam contra a escravidão.

Decerto todo esse processo de escravização do povo negro não ficou no passado escravo, mas perdura até hoje sob outras formas de segregação racial, contudo, os

⁶ Le Goff, Jacques, 1924 História e memória / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão ... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios)

negros e negras, como antes, criam continuamente novas formas de resistência, de acesso, permanência e de apropriação de outros lugares na sociedade, que lhes foram negados ao longo da história. Essas formas de resistir à opressão ganha fôlego com a nova forma dos negros e negras lutarem e se organizarem diante da discriminação racial e do racismo.

Assim, a forma de Ponciá lutara contra esse processo através de seu trabalho com o barro, onde ela deseja se aventurar por outros lugares na construção da sua identidade, buscando fazer-se presente na sociedade moldado seu próprio destino de forma autônoma, sem a manipulação de terceiros:

Quando Ponciá Vicêncio resolveu sair do povoado onde nascera, a decisão chegou forte e repentina. [...] Cansada da luta insana, sem glória, a que todos se entregavam para amanhecer cada dia mais pobres, enquanto alguns conseguiam enriquecer-se a todo dia. Ela acreditava que poderia traçar outros caminhos, inventar uma vida nova. (p.32).

No entanto, se deparou com uma realidade bem diferente daquilo que sonhou encontrar na cidade. Queria juntar dinheiro, comprar um barraco e voltar para buscar sua mãe e seu irmão. A vida lhe parecia fácil, mas aos poucos foi tomando consciência que não bastava construir uma casa e ter um emprego na cidade para se tornar alguém, pois os mesmos princípios de opressão que estabelece na Vila Vicêncio também ressoam na cidade a partir de outro cenário.

Evaristo deixa claro que os entraves enfrentados pela personagem parte da batalha existencial interna. Consiste em uma posição reflexiva independente do lugar que ocupa, ou seja, se deslocar de um lugar para outro na tentativa de refugiar-se das relações a sua volta, não é garantia de uma nova elaboração da identidade, pois essa se fomenta nas estruturas entrelaçadas ao passado e o presente histórico.

Com o passar dos anos, após a decisão repentina de ir embora Ponciá decide voltar à antiga comunidade onde viveu sua infância, ao visitar o vilarejo percebe que nada mudou, as pessoas e as marcas do sofrimento se encontravam ali como antes:

Depois de andar algumas horas, Ponciá Vicêncio teve a impressão de que havia ali um pulso de ferro a segurar o tempo. Uma soberana mão que eternizava uma condição antiga. Várias vezes seus olhos bisaram a imagem de uma mãe negra rodeada de filhos. De velhas e de velhos sentados no tempo passado e presente de um sofrimento antigo. Bisaram também a cena de pequenos, crianças que, com uma enxada na mão, ajuda a lavrar a terra. (p.48).

A partir do instante que volta da cidade e percebe que os seus também foram embora, a personagem entra em um plano de ausência de si mesma, tudo a sua volta não

lhe chama mais atenção, há um desprezo pela vida e pela rotina do dia-a-dia, no ingresso da embriagues nostálgica sobre a vida.

Os relapsos de ausência que abarcam Ponciá tornam-se mais frequentes, ao desejo de se transportar a outra realidade; as constantes lembranças se tornam agora, instrumento de apropriação ao passado no reconhecimento da complexidade de sua história.

A memória em Ponciá Vicêncio se torna um elo entre o presente e o passado dos seus ancestrais. No decorrer da narrativa, a relação de Ponciá com seus antepassados ganha novos contornos, principalmente a respeito da misteriosa herança deixada pelo seu avô. O barro é a principal ligação entre avô e neta, sobre a forma de boneco de barro é materializado características que a aproxima da história cultural africana.

O barro é indispensável à sobrevivência humana, ele acomoda as raízes de tudo que usamos para o nosso sustento, seja ele físico ou emocional. Na cultura cristã o barro é o elemento utilizado por Deus para dar vida aos homens, através de seu sopro: *Então Javé Deus modelou o homem com a argila do solo, soprou-lhe nas narinas um sopro de vida, e o homem tornou-se um ser vivente.* (BIBLIA SAGARADA, 1990, p.15).

Nas crenças do candomblé, o barro usado por Deus para a criação da vida dos homens é representado pela lama, elemento presente nas nuances simbólicas de Nanã, orixá que simboliza a fecundidade e a vida:

Senhora da lama, matéria primordial e fecunda da qual o homem em especial, foi tirado. Mistura de água e terra, a lama une o princípio receptivo e matricial (a terra) ao princípio dinâmico da mutação e das transformações. Sua ligação com a água e a lama, associa Nanã à agricultura, a fertilidade e aos grãos (vide simbologia dos grãos e favas).⁷

Nas representações recorrentes a Nanã, o barro na vida de Ponciá passa a ser visto como o elemento que acrescido a água, traz vida a todas as suas concretizações identitárias. Elas carregam toda a herança ancestral de resistência de seu povo.

O barro representa para Ponciá a volta de seu avô à vida, mesmo que através das lembranças encarnadas da escultura de barro que se assemelha as características físicas de seu ancestral. Isso nos mostra a relevância da memória enquanto fator bastante presente na obra.

Sobre a memória, pode-se pontuá-la como a forma de se reviver as nuances da existência de Vô Vicêncio. De maneira subjetiva, a memória mostra-se como o elo entre a vida de Ponciá e as características físicas e pessoais daquele ancião que lutara

⁷ Disponível em: <http://kwe.ceja.neji.vilabol.uol.com.br/nana.htm> Acesso em 21 de set. de 2011.

veemente pela equiparação ou, pelo menos, o respeito entre os homens. A memória seria então a forma de perpetuar no presente as lutas de Vô Vicêncio, demonstradas através das vivências da neta:

[...] começa a atribuir à memória, uma função decisiva no processo psicológico total: a memória permite a relação do corpo presente com o passado “atual” das representações. Pela memória, o passado não só vem a tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. (BOSI, 1994, p. 46-47).

Nesse contexto, a memória apresenta-se na vida de Ponciá como algo intimamente subjetivo. Através do barro, ela permeia e condiciona a imagem do avô do braço cotó, fazendo com que seus familiares remontassem ao legado de resistência deixado por ele como forma de confronto ao sistema.

Quando a memória se manifesta na vida de Ponciá, ela inquieta-se no fato de delimitar sua própria identidade. Como nota o crítico cultural Kobena Mercer, “[...] a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza”. (HALL, 2001, p.9).

A esse caráter surge um emaranhado de questionamentos da personagem a fim de descobrir-se dentro da sua própria singularidade:

Cada pessoa tem seu ser profundo, singular e específico, revelando-se como vida; é estável em sua matriz existencial. Pode-se expandir somente em conformidade com o que intrinsecamente é. É um núcleo de existência, um foco de relações, ligações, experiências e vínculos profundos; é não sensorial na sua constituição. (TRINCA, 2007p. 84).

Por tanto o manuseio do barro na obra, se ressalva na ação da personagem reconstruir-se enquanto sujeito pertencente a um lugar. As esculturas de barro tornam-se a marca de Ponciá, valendo de tamanha importância que pode se assimilar como sua assinatura, já que seu nome remete não a sua identidade, mas o atributo de pertencer como propriedade do coronel Vicêncio.

Através da arte de moldar o barro, Ponciá é identificada socialmente, suas obras são reconhecidas como objeto cultural por da sua comunidade. Em uma exposição de objetos de barro, seu irmão Luandi reconhece as esculturas produzidas por sua mãe e pela sua irmã Ponciá:

E, sem que Luandi pedisse, o amigo, também emocionado, pegou o cartãozinho branco que estava ao lado dos objetos e leu:

“Autores: Maria Vicêncio e filha Ponciá Vicêncio”

Região: Vila Vicêncio

Proprietário: Dr: Aristeu Pena Soares Vicêncio.

Luandi olhava os trabalhos da mãe e da irmã como se os visse pela primeira vez, embora se reconhecesse em cada um deles. Observava as minúcias de tudo. Havia os objetos de uso [...]. Pessoas, animais, utensílios de casa, tudo coisa de faz-de-conta, objetos de enfeitar, de brincar. Criações feitas, como se as duas quisessem miniaturar a vida, para que ela coubesse e eternizasse sobre o olhar de todos, em qualquer lugar. (p. 106- 107).

O barro, para ela, sempre foi tão flexível em suas mãos, ele obedecia aos seus gestos, era uma via de mão dupla, entrega, esquecimento dos problemas e principalmente as representação do seu próprio ser, o barro lhe proporcionava a sensação de se sentir viva, mesmo enfrentando tantos percalços que contribuíam para a morte de sua própria história.

E é com esse desejo que Ponciá se entrega ao barro na busca de sua origem, ao toque da terra a que nunca muda na passagem de gerações, a terra que presenciou e guardou na memória de suas esculturas as experiências vividas por seus ancestrais, toda resistência e sofrimento do seu povo.

Além da grande carga de memórias ancestrais no período escravista, o livro de Conceição Evaristo proporciona um leque de discussões sobre a capacidade de entendimento de si em seus personagens, tendo como foco principal Ponciá Vicêncio, que nomeia o livro. O barro nessa perspectiva é apontado como a forma encontrada pela personagem para afogar-se em suas próprias descobertas.

A imagem de Vô Vicêncio é mostrada através do barro para que Ponciá compreenda a importância identitária de sua existência, através de sua escultura vem à possibilidade de envolvimento com sua própria história, respondendo, dessa forma, alguns dos seus questionamentos e situando-a como membro da construção histórica daquela região.

No encontro com o barro a personagem descobre a misteriosa herança, constantemente citada no romance. “Lembrou-se da fala de Nêgua Kainda, quando esperançosa, tinha voltado ao povoado em busca da família. Nêgua lhe havia dito que em qualquer lugar, em qualquer tempo, a herança que Vô Vicêncio tinha deixado para ela seria recebida.” (p.61).O enredo aos poucos vai dando contornos a misteriosa herança deixada pelo seu avô, a Ponciá é dada o encargo de guardar a memória dos seus ancestrais através do barro, na solidificação do grito de resistência e sofrimento reservado a falta de humanização ao tratamento da cultura africana.

Portanto, compreende-se o barro como elemento preponderante na vida de Ponciá à porta de entrada para as suas respostas existenciais. A Ponciá é legada a herança memorialista sobre as raízes da sua existência, pela imagem de seu avô um símbolo de resistência na construção da identidade afro-brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A população afro-brasileira passou por diversos entraves que marcaram a autoestima da percepção do sujeito negro sobre si. Conceição Evaristo constrói o romance em um período pós-abolicionista, com elementos de valorização à cultura negra. É apresentado a perda da identidade do sujeito negro que tenta se desvencilhar do contexto discriminatório a que foi implantado. Ocorre uma frustração existencial quando este sujeito ver-se interpelado pela sociedade com os mesmos instrumentos ideológicos que paralisaram a liberdade dos seus antepassados. Nesse contexto, o barro passa a ser símbolo da personificação da cultura afro-brasileira através do ato de rememorar as lembranças da personagem Ponciá.

A obra é uma denúncia do processo pré e pós-abolicionista que compõe a necessidade de Ponciá e sua família encontrarem-se, como sujeitos integrantes das representações sociais. Ao longo da pesquisa observou-se o caráter eminente do lugar que fala o sujeito e seu respaldo na promoção social de reconhecimento. Uma luta travada em forma de romance e que serve de demonstrativo para os indivíduos contemporâneos não cometerem qualquer forma de apresentação do preconceito.

A autora confirma a necessidade humana que permeia Ponciá do reencontro consigo mesma na busca incessante de conhecer-se, isso se dá pela presença ancestral do avô, ali representada através do Barro. A esse respeito, fica claro que independente do lugar que ocupa no momento presente, o indivíduo sempre será interpelado a voltar a suas origens através da memória na formação da sua identidade.

Nota-se que essa visão se estende em todo o processo cultural. Ou seja, para nos reconhecermos capazes, precisamos voltar as raízes que nós solidificam enquanto sujeitos pertencentes a uma comunidades, em seus valores ideológicos, sociais e políticos. E que esses sejam elementos de promoção do respeito. A presença do Vô de Ponciá em suas narrativas servem de exemplo e demonstram que mesmo refém de construções sociais inferiorizadoras, o sujeito negro, através do barro ou de qualquer elemento, mostra-se capaz de mostrar sua força e resistência.

Assim, a memória e a identidade entrelaçadas às construções da personagem de Evaristo mostram que a arte é um amplo espaço para o sujeito se descobrir enquanto pertencente a seu próprio meio social. Nesse sentido, autora e personagem comungam de um mesmo sentimento e através da literatura e da modelagem do barro, respectivamente, ambas mostram que podem conhecer-se e contribuir para a consolidação de uma sociedade mais igualitária e justa.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução de Ivo Stomilo e Euclides Martins Balacin. São Paulo: Edição Pastoral, Paulus, 1990.

BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade: Lembranças dos velhos**. 3. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CIRLOT, J.E. **Dicionário de Símbolos**. São Paulo: Centauro, 2005.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. 1996. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro.

HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. Trad. Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão. São Paulo: UNICAMP, 1990.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de. **Capoeira, Identidade e Gênero: ensaios sobre a História Social da capoeira no Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2009.

SILVA, Denise Almeida. (Org.) **Literatura, história, etnicidade e educação: estudos nos contextos afro-brasileiro, africano e da diáspora africana**. Frederico Westphalen; URI, 2011, p. 45-54.

TRINCA, W. **O ser interior na psicanálise: fundamentos, modelos e processos**. São Paulo: 2007. Vitor Editora.